



POR QUE AS LÍNGUAS MUDAM? POR QUE VARIAMOS?

Lucas Santos Silva (UFS)¹

Resumo: A mudança e variação linguística são fenômenos complexos que permeiam todas as línguas naturais. Este artigo explora as razões por trás desses processos intrincados, lançando luz sobre o que leva as línguas a evoluírem ao longo do tempo e por que as pessoas variam em sua fala. Neste artigo, nosso objetivo é revisitar as visões da Sociolinguística, com foco especial no Constructo da Variação e da Mudança Linguística (Weinreich, Labov, Herzog, 2006), e considerar como essa abordagem se relaciona com de outras correntes linguísticas, como o Estruturalismo, o Gerativismo, o Funcionalismo e a Linguística Cognitiva. Neste contexto, também apresentamos os níveis de apreciação e avaliação social dos fenômenos linguísticos (Labov 2008[1972]), bem como o contínuo de urbanização de Bortoni-Ricardo (2004). Exploramos como as formas linguísticas se relacionam às dinâmicas sociais no processo de escolha dos fenômenos na fala, destacando como tais fenômenos são indexados às estruturas sociais durante esse o processo de variação linguística.

Palavras-chave: Mudança linguística. Variação linguística. Sociolinguística.

Abstract: Linguistic change and variation are complex phenomena that permeate all natural languages. This article delves into the reasons behind these intricate processes, shedding light on what drives languages to evolve over time and why people exhibit variations in their speech. Our aim in this article is to revisit Sociolinguistics perspectives, with a special focus on the Construct of Linguistic Variation and Change (Weinreich, Labov, Herzog, 2006), and consider how this approach relates to other linguistic frameworks, such as Structuralism, Generativism, Functionalism, and Cognitive Linguistics. In this context, we also introduce the levels of social appreciation and evaluation of linguistic phenomena (Labov 2008 [1972]), as well as Bortoni-Ricardo (2004) continuum of urbanization. We explore how linguistic forms relate to social dynamics in the process of selecting linguistic phenomena in speech, emphasizing how such phenomena are indexed to social structures during the process of linguistic variation.

Keywords: Linguistic change. Linguistic variation. Sociolinguistics.

1. Introdução

A mutabilidade e diversidade linguísticas são fenômenos centrais no campo da linguística que há muito intrigam pesquisadores e acadêmicos. Este artigo se dedica revistar as razões subjacentes à mudança linguística e à variação nas línguas humanas, com foco na variação linguística da fala.

Uma das capacidades inatas ao ser humano é a capacidade de falar. Ao falar, exteriorizamos sons, resultantes de um complexo processo de produção da fala e que derivam das diversas possibilidades de combinação de sons para produção de significado. Essa combinação não acontece de forma aleatória. Regras operacionalizam na produção desses sons, uma vez que a cadeia sonora da fala é organizada por princípios de solidariedade que agrupam

¹ Mestre e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFS. Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão/SE, Brasil. E-mail: lucas_riachao@hotmail.com



segmentos consonantais e vocálicos em cadeia e determinam a organização das sequências sonoras possíveis de uma determinada língua. Esse é um exemplo de que a língua é um sistema organizado.

Esse conceito fundamental, da língua como um sistema organizado, foi pioneiramente proposto por Ferdinand Saussure em 1916 (Saussure, 2012 [1916]), e perdura como alicerce central da Linguística. Sob essa perspectiva, a língua é regida por regras intrínsecas, moldadas por sua própria estrutura. Nada na língua ocorre por acaso ou de forma aleatória; existe um princípio subjacente de ordenamento que se manifesta na estrutura linguística. A compreensão desse princípio, de “solidariedade dinâmica” só é possível compreender devido ao trabalho de descrição e análise de usos linguísticos e de seus elementos.

Neste artigo, nosso objetivo é revisitar as visões da Sociolinguística, com foco especial no Constructo da Variação e da Mudança Linguística (Weinreich, Labov, Herzong, 2006), e considerar como essa abordagem se relaciona com ou difere de outras correntes linguísticas, como o Estruturalismo, o Gerativismo, o Funcionalismo e a Linguística Cognitiva.

2. Porque as línguas mudam? Explicações baseadas em usos

O Constructo da Variação e Mudança Linguística surgiu de uma ruptura fundamental com a concepção de língua como um sistema homogêneo, centrado no indivíduo e dissociado das situações reais de comunicação em grupos sociais. Essa ruptura representou uma clara oposição aos princípios do estruturalismo de Ferdinand Saussure, que definia a língua como um sistema homogêneo e unitário, aparentemente imune a influências de natureza social (Saussure, 2012 [1916]). Além disso, essa abordagem desafiou as premissas do Programa Gerativo-Transformacional de Noam Chomsky, que propunha um modelo de linguagem baseado na ideia de uma competência inata, invariante entre os falantes.

A teoria linguística tem antes de mais nada como objeto um falante-ouvinte ideal, situado numa comunidade linguística **completamente homogênea**, que conhece a sua língua perfeitamente, e que, ao aplicar seu conhecimento da língua numa performance efetiva, não é afetado por condições gramaticalmente irrelevantes tais como limitações de memória, distrações, desvios de atenção de interesse, e erros (casuais ou característicos). (CHOMSKY, 1978, p.83)



Sobre o conceito de um falante ideal pertencer a uma comunidade linguística completamente homogênea Weinreich, Labov, Herzog (2006, p. 60), tecem uma crítica a Chomsky e consideram que

A exigência da homogeneidade se torna central aqui: a competência linguística que é o objeto da análise linguística é a posse de um indivíduo; a teoria linguística se ocupa da comunidade somente na medida em que a comunidade é homogênea e na medida em que o informante individual é perfeito representante dela.

À medida que exploramos a complexidade da língua e sua relação com a sociedade, torna-se evidente que a língua é muito mais do que um sistema rígido e imutável. Ela é, na verdade, um organismo vivo, em constante evolução, moldado pelas interações sociais e culturais que a permeiam. A visão tradicional da língua, como proposta pelo estruturalismo de Saussure, considerava-a como um sistema homogêneo e imune às influências sociais. No entanto, essa perspectiva revelou-se limitada diante da complexidade da comunicação linguística na sociedade.

Com essa virada de perspectiva, nos anos 1960, reconhecendo a língua como um fenômeno intrinsecamente social e passou a examiná-la em seu contexto sociocultural. Labov (2008, p. 241) definiu a Sociolinguística como "o estudo da língua em seu contexto social", e essa mudança de paradigma trouxe uma compreensão mais profunda da natureza da linguagem. De acordo com essa perspectiva, a língua é considerada um comportamento social e, como tal, está sujeita a influências sociais e culturais. Isso levou à aceitação de que a língua é intrinsecamente variável, e essa variação é observável em todas as suas manifestações. A mudança linguística, portanto, não é vista como um desvio, mas como uma parte natural do desenvolvimento linguístico. A variação linguística é a base a partir da qual as mudanças na língua emergem (Weinreich; Labov; Herzog, 2006).

Os autores defendem que a mudança linguística é uma resultante dinâmica presente em todas as línguas naturais, emergindo de processos de variação linguística. No entanto, é importante ressaltar que nem toda variação necessariamente resulta em mudança, mas toda mudança é, de fato, precedida por variação (Weinreich; Labov; Herzog, 2006). Isso significa que a diversidade linguística observada em diferentes grupos sociais ou em contextos variados é essencial para o processo de evolução da língua.

Sendo um sistema heterogêneo, a língua proporciona ao falante um conjunto de alternativas, que é condicionado por fatores linguísticos e sociais. As mudanças podem

Revista de Estudos Acadêmicos de Letras, vol. 18 n° 01 (2025): e11803

ISSN: 2358-8403

<https://doi.org/10.30681/real.v18i01.11803>



acontecer em todos os seus níveis, a partir de contatos e generalizações de um subgrupo. Essas generalizações vão criar uma variação, que não são derivadas, mas inerentes ao próprio sistema linguístico. Quanto a isso, Labov (2008) afirma que

A explicação da mudança linguística parece envolver três problemas distintos: A origem das variações linguísticas; a difusão e propagação das mudanças linguísticas; e a regularidade da mudança linguística. [...] Essas variações podem ser induzidas pelos processos de assimilação ou dissimilação, por analogia, empréstimo, fusão, contaminação, variação aleatória ou quaisquer outros processos em que o sistema linguístico interaja com as características fisiológicas ou psicológicas do indivíduo. (LABOV, 2008, p. 19-20).

Mudanças sociais acarretam em mudanças linguísticas. No percurso da humanidade, as grandes mudanças linguísticas foram motivadas por fatores históricos: mobilidade social, mobilidade geográfica, difusão do comércio internacional, revolução tecnológica, entre outras mudanças. Nesse sentido, “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre” (LABOV, 2008, p. 21).

A transformação linguística é um fenômeno inevitável. Esse processo, intrinsecamente natural, é resultado das constantes influências sociais que exercem pressões contínuas sobre o sistema linguístico. Portanto, podemos analisar e estratificar as mudanças considerando categorias de natureza macrossocial, como escolaridade, faixa etária, etnia, sexo/gênero, classe econômica, além de outras categorizações sociais. Isso nos permite entender as diversas facetas da evolução da língua em sua relação com a sociedade.

Podemos citar, por exemplo, o estudo de Labov que foi desenvolvido em 1962, em Nova York. Nele, o pesquisador buscou compreender as variações fonológicas da consoante (r) em posição pós-vocálica, a partir da estratificação das condições sociais dos falantes em três lojas de departamento (Saks Fifth Avenue, Macy’s e S. Klein) diferenciadas quanto ao *status* superior, médio e inferior, respectivamente. O status das lojas foi baseado nos preços, classes das pessoas frequentes nas lojas, publicação em jornal.

Ao final da coleta, 264 falantes participaram da coleta. Destes, 68 falantes entrevistados na Saks, 125 na Macy’s e 71 na Klein. Esses dados foram controlados a partir de variáveis como, loja, raça, ocupação dos empregados, idade. A conclusão do estudo é de que a variável linguística é um diferenciador social em todos os níveis de fala na cidade de Nova York.



Evidências empíricas têm mostrado que, em geral, a mudança linguística é um processo gradual, em que variantes de uma variável competem entre si, até que seja preferida às demais (Weinreich; Labov; Herzog, 2006). Em suma, programa da Mudança e da Variação Linguística se baseia nos seguintes princípios:

- 1) A mudança linguística não deve ser identificada com deriva aleatória procedente da variação inerente na fala. A mudança linguística começa quando a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala toma uma direção e assume o caráter de uma diferenciação ordenada.
- 2) A associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle destas estruturas heterogêneas.
- 3) Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade.
- 4) A generalização da mudança linguística através da estrutura linguística não é uniforme nem instantânea; ela envolve a covariação de mudanças associadas durante substanciais períodos de tempo, e está refletida na difusão de isoglossas por áreas do espaço geográfico.
- 5) As gramáticas em que ocorre a mudança linguística são gramáticas da comunidade de fala. Como as estruturas variáveis contidas na língua são determinadas por funções sociais, os idioletos não oferecem a base para gramáticas autônomas ou internamente consistentes.
- 6) A mudança linguística é transmitida dentro da comunidade como um todo; não está confinada a etapas discretas dentro da família. Quaisquer descontinuidades encontradas na mudança linguística são os produtos de descontinuidades específicas dentro da comunidade, mais do que os produtos inevitáveis do lapso geracional entre pais e filhos.
- 7) Fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importa quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidades que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento linguístico. (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968], p. 125-126).

Dessa forma, é possível concluir que a heterogeneidade na sociedade provoca heterogeneidade dentro da língua, tendo, majoritariamente, o *corpus* baseado em situações reais e concretas de comunicação, assim como o clássico estudo de Labov (2008[1972]) e o estudo do (r) nas lojas de departamento na Cidade de Nova York.

A análise de fenômenos linguísticos baseada na situação concreta da intercomunicação, desde o contexto linguístico e a situação extralinguística, é característica imprescindível para Linguística Funcional Centrada no Uso.



Para esta corrente da linguística, os usos da língua são motivados por condições pragmáticas que dirigem a formação e o funcionamento da estrutura do sistema linguístico internalizado. Assim, a Linguística Funcional Centrada no Uso estuda “a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas” (Cunha, 2008, p. 157).

Esta tendência funcionalista ganhou contribuições nos anos de 1970 a partir do surgimento do trabalho de um grupo de pesquisadores centrados na Califórnia (EUA). Neste grupo estão Talmy Givón, Charles Li, Joan Bybee, Sandra Thompso, Paul Hopper, entre outros. Em Nova York, foi criada uma tendência da Linguística Funcional-Cognitiva, com os estudiosos George Lakoff, Gilles Fauconnier, entre outros (PEZATTI, 2004).

DeLancey (2001) alega que a Linguística Funcional, de alguma forma, é um retorno aos estudos pré-saussurianos, a exemplo de Whitney, von der Gabelentz e Herman Paul. Estes entendiam que a estrutura linguística deveria ser explicada sob o viés de imperativos psicológicos, cognitivos e funcionais.

Para o funcionalismo, não há separação entre estrutura e uso. A estrutura da língua emerge à medida que ela é usada (BYBEE, 2010). A proposta é de que se estabeleça um objeto de estudo baseado no uso real da língua. Daí, o estudo do discurso e gramática passa a ser simultâneo, isto é, “há uma simbiose entre discurso e gramática: o discurso e a gramática interagem e se influenciam mutuamente” (CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 14).

A gramática das línguas não constitui um sistema autônomo e suficiente entre si, mas um sistema complexo, dinâmico, criativo e mutável, que pode ser adaptado pelos usos reais de comunicação e de interação social, inclusive em termos de frequência. Assim, a gramática é

Como um conjunto minimamente classificado e organizado de memórias do que as pessoas ouviram e repetiram ao longo de uma vida de uso da língua, um conjunto de formas, padrões e práticas que surgiram para servir às funções mais recorrentes que os falantes precisam cumprir. (FORD, FOX E THOMPSON 2003, p. 122 – *tradução nossa*)

Essa afirmação corrobora com a visão de Bybee (2010), segundo a qual a estrutura linguística é uma resposta às necessidades do discurso e que a gramática ocorre através da adaptação e da frequência de uso, que é de suma importância para manutenção e estabelecimento da gramática. A gramática como resultado da estruturação de fatores cognitivos e derivada de processos interacionais básicos comunicativos da língua (GIVÓN, 1979).



Neste ínterim, para a Linguística Cognitiva, “as formas da língua acionam um conjunto de processos aparentemente simples, que operam sobre bases de conhecimentos subjacentes na memória ou presentes como contexto, na situação comunicativa” (CHIAVEGATTO, 2009, p. 83). Ou seja, o foco desta perspectiva se dá no entendimento dos processos de construção de significados nas interações linguísticas, o que não isenta todo processo de aprendizagem ou de atualização de saberes na vida, que são socialmente estabelecidos.

A informação social é indexada à forma linguística, por mais sutil que ela seja, a exemplo do detalhe fonético fino. O conhecimento da variação provavelmente emerge de um processo de semiose em que os falantes são expostos a diferenças linguísticas, percebem-nas e passam a entender padrões de seu uso em conexão com fatos sociais (SQUIRES, 2016, p. 81). Neste sentido, é impossível falar em cognição ou em representações sem falar em memória. Pelas experiências do indivíduo em sociedade, as informações linguísticas são armazenadas detalhadamente em nossa memória e indexadas a determinado perfis sociais, a exemplo de características de sociais dos falantes, como idade, status de socioeconômico, sexo, a depender a variedade (SILVERSTEIN, 2003).

O armazenamento na memória das associações entre formas linguísticas e características sociais é crucial para a produção e percepção da linguagem em todos os níveis da gramática, incluindo detalhes fonéticos (micro) até orações e frases complexas (macro). Após armazenadas, essas informações não são perdidas ou descartadas.

Sendo a estrutura da língua motivada por conceitos cognitivos, sociocomunicativos, e culturais, o Constructo da Variação e da Mudança Linguística, a Linguística Funcional Centrada no Uso e a Linguística Cognitiva consideram em suas análises categorias que dão conta de aspectos internos e externos ao sistema linguística e, principalmente, sobre estudos de falantes em situações reais de comunicação em diversas situações interacionais.

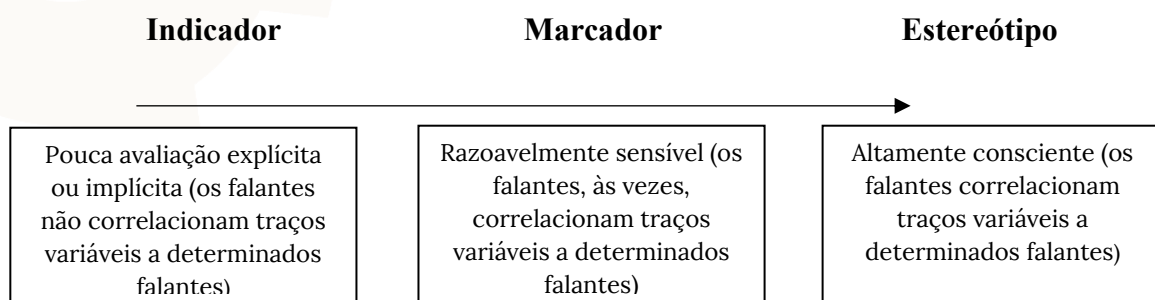
3. Por que variamos?

Sendo a língua, também, uma forma de comportamento social, as pressões sociais operam continuamente sobre estrutura linguística. Fatores externos exercem influência direta nas formas linguísticas. As variações linguísticas são, em certa medida, “executadas” ao invés de dadas. Os fatores sociais complementam os que são determinados pela própria estrutura linguística, uma vez que os falantes podem utilizar (e usam) a língua para atingir uma gama de objetivos sociais. A utilização de uma variante da variável linguística pelo indivíduo ou pela comunidade depende, dentre outros fatores, das habilidades dos ouvintes em detectar as

realizações, associá-las a grupos sociais ou a uma realização de prestígio, para que, assim, os falantes possam adotar (ou não) essas realizações em sua própria fala.

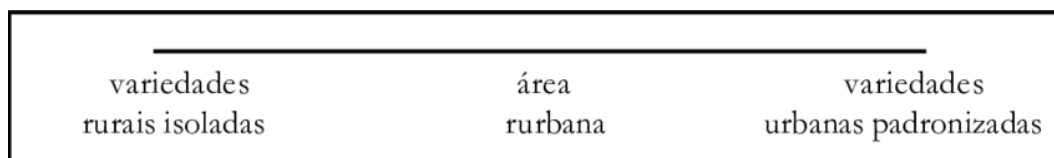
A avaliação e apreciação social de um traço linguístico é determinante para que os falantes de uma comunidade adotem ou não este traço em seu repertório, pois “antes que um fenômeno possa difundir de palavra por palavra [...] é necessário que uma das formas rivais adquira algum prestígio” (STURTEVANT, 1947 apud LABOV, 2008[1972], p. 21).

Essa avaliação é determinante também para a constituição da identidade linguística do falante e comunidade. Neste sentido, Labov 2008[1972]) estratifica a avaliação em três níveis sociais: indicador, marcador, estereótipo.



No Brasil, Bortoni-Ricardo (2004) estratificou as as variáveis linguísticas com base no contínuo de urbanização, estabelecendo uma distinção entre as variedades rurais isoladas e as variedades urbanas padronizadas: as regras que definem uma estratificação "descontínua" e que caracterizam as variedades regionais e sociais mais isoladas, recebendo maior grau de estigmatização na sociedade urbana hegemônica, e regras “graduais”, que definem uma estratificação contínua e estão presentes no repertório de praticamente todos os brasileiros, dependendo apenas do grau de formalidade que eles conferem à própria fala.

Figura 1: Contínuo de urbanização



Fonte: Bortoni-Ricardo, 2004, p. 52

Os fenômenos proeminentes na variedade linguística das regiões rurais são também categorizados como **traços descontínuos**, uma vez que "esses traços têm uma distribuição



descontínua, visto que seu uso é interrompido" (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 53) nas áreas urbanas. Socialmente estigmatizados, esses traços costumam receber maior grau de estigmatização na sociedade urbana hegemônica, a exemplo dos seguintes fenômenos:

- a. **rotacismo:** alternância da consoante lateral [l] pela vibrante alveolar [r]: *Planta~Pranta, Alface~Arface;*
- b. **vocalização:** Alternância da consoante lateral [ʎ] pela vogal [i]: *Falha~Faiá, Milho~Mio;*
- c. **Palatalização progressiva:** assimilação do som anterior (vogal anterior alta [i] e suas variantes) diante de /t/: *Coitado~Cofado, Muito~Mũtfo;*
- d. **Apagamento de gerúndio:** assimilação do fonema /d/ pelo fonema /N/: *Estudando~estudano, cantando~cantano.*

De acordo com Bortoni-Ricardo (2004), há as regras graduais, que estabelecem uma estratificação contínua, fazem parte do repertório de praticamente todos os brasileiros, variando apenas de acordo com o grau de formalidade e monitoramento que escolhem aplicar à própria fala, como exemplo:

- a. **[s] em coda silábica:** alternância do [s] por [ʃ]: *Pasta~Pafta, Estudar~Eftudar;*
- b. **Monotongação de ditongos crescentes orais:** apagamento da semivogal do ditongo: *Ouro~oro, peixe~pexe, caixa~caxa, beira-bera;*
- c. **Ditongação:** insere uma semivogal entre uma vogal e um /s/: *Veiz~Veiz, Capaz~Capaiz, Dez~Deiz, mas~mais;*
- d. **Palatalização regressiva:** assimilação do som posterior (vogal anterior alta [i] e suas variantes) diante de /t/: *Parfte, Tfia, Dfia, Dfieta, Dente*
- e. **Apagamento do rótico coda medial ou de final de palavra:** ocorre quando o falante não pronuncia o som consonantal /R/: *Amar, mulher, colher, dormir.*

Os traços descontínuos são frequentemente estereotipados no Brasil, sujeitos a preconceito e avaliações negativas. Outro exemplo de estereótipo, com avaliação explícita, pode ser identificado pela associação de baianos à fala devagar, paulista à fala apressada, ou chineses aprendizes de português que trocam o /t/ pelo /l/, como o Cebolinha da Turma da Mônica (FREITAG *et al.* 2020).

No estado de Sergipe, por exemplo, a realização palatal em contexto regressivo é socialmente prestigiada, conscientemente bem avaliada pela comunidade e associada aos falantes com alta escolaridade (Freitag; Santos, 2016), já a variante palatal em contexto progressivo é realizada por



falantes de menor escolarização e em regiões não urbanas, o que faz com que não tenha prestígio aberto pela comunidade (Freitag; Souza Neto; Corrêa, 2019; Silva, 2021).

Pela consciência sociolinguística dos falantes, há um estereótipo linguístico pela associação feita entre a palatalização progressiva a determinados perfis de indivíduos ou de comunidades. Esse fenômeno é saliente e socialmente marcado. Esse fenômeno, também, não é encontrado na fala de universitários sergipanos, em situação de entrevista sociolinguística, e quando é encontrado automaticamente é alvo de hipercorreção, justamente pelo julgamento negativo que é feito a esta variante. Logo, o mesmo indivíduo vai, às vezes, usar uma variante e, às vezes, usar outra variante, de uma mesma variável, o que configura a variação intrafalante (MEYERHOFF, 2018), tal qual descrito por Labov (2008[1972]) no estudo em Martha's Vineyard.

No caso de hipercorreção do estudo universitário, percebe-se a atenção plena do indivíduo ao seu discurso, um monitoramento e ajuste da fala ao contexto da entrevista, com a presença de um pesquisador (pós-graduando) “desconhecido”, um gravador e uma câmera, numa tentativa de barrar um fenômeno linguístico socialmente estigmatizado. Provavelmente, esse processo de hipercorreção não aconteça com fenômenos dos níveis indicadores e marcadores ou em traços graduais, justamente por serem alvo de prestígio na comunidade.

Abordagens de competência comunicativa na tradição sociolinguística tendem a ver o uso da língua como situado. A fala é o marcador da situação comunicativa. No caso do universitário, a formalidade da linguagem dependeu da situação em que ela ocorreu, na tentativa de neutralizar um fenômeno fonético-fonológico socialmente estigmatizado. Com frequência, nos deparamos com questões que emergem quase automaticamente, antes mesmo de começarmos a falar: Qual é o propósito subjacente ao uso da linguagem? A quem exatamente se destina a nossa mensagem? Em que ambiente e contexto está ocorrendo essa comunicação linguística? Qual atividade está em curso? Que tópico estamos prestes a abordar? Tais indagações ressaltam a importância do contexto comunicativo.

Situações formais e informais são comumente compatíveis com linguagens formais e informais. Quando uma situação é formal, a linguagem também seria formal. Em contraste, quando a situação é informal, a linguagem seria informal. A variação ou o estilo é condicionada pela formalidade ou informalidade da cena (Brown; Fraser, 1979).

Imagine o impacto que teria em uma comunidade presenciar uma juíza lendo a sentença de um réu condenado a 30 anos de prisão de forma humorística, ou um médico comunicando a



notícia de um falecimento com um tom jocoso. Nestes casos, assim como em outros, o mais importante, no entanto, é o sentido "embutido" de meta ou propósito tipificado em situação.

Essa situação tem forte associação com público e com a comunidade ouvinte. A proposta de Design de Audiência de Bell (1984) argumenta que a variação de estilo reflete as diferenças do falante em respostas às características do público. Uma proposta relacionada e que dá continuidade à Teoria da Acomodação (Giles *et al.*, 1973), segundo a qual os participantes da conversa, em situações específicas, ajustam sua fala à de seus interlocutores, numa tentativa de manter aproximação ou distanciamento, através de usos linguísticos em todos os níveis.

Bell (1984) apresenta que mudança de estilo é socialmente fundamentada e sugere que os falantes se acomodam principalmente ao seu destinatário, ou seja, à pessoa a quem estão falando. No entanto, para o mesmo autor, os terceiros presentes, outros ouvintes, também podem afetar a mudança ou a escolha do estilo, ainda que em um grau menor. Para além de escolha de fenômenos fonético-fonológicos, esses ajustes incluem outros elementos da fala, tais como entonação, velocidade da fala, gestos, entre outros.

Além do design de público em que há aproximação do estilo em detrimento do público, Bell (1984) apresenta um componente denominado de “design de árbitro”.

Eu concluí que a essência da mudança de estilo de iniciativa é se dirigir às pessoas como se fossem outra pessoa. Tal redefinição do destinatário pelo falante pode, como vimos, envolver (hiper)convergência com o destinatário. Mas é mais óbvio quando um orador diverge do destinatário e se dirige a um terceiro, a quem chamo de árbitro (BELL, 1984).

O objetivo é que o discurso do falante leve o público à mente de um grupo de referência específica, ou seja, o falante não se acomoda ao público presente ou ao interlocutor, mas se associa a outros grupos sociais que não estão presentes, como forma de pertencimento a aproximação a estes grupos. Uma das formas de se associar a grupos sociais é justamente a partir da escolha de um repertório linguístico específico.

Mas, como se dá essa associação entre determinados grupos sociais e determinados linguísticos? Neste sentido, a proposta apresentada por Silverstein (2003) defende que se faz necessária uma expansão da análise semântico-referencial do uso da língua para considerar as conexões indexicais entre os elementos linguísticos e as estruturas sociais (gênero, profissão, raça, classe etc.).

A abordagem de Silverstein (2003) faz menção a vários níveis ou “ordens” de indexicalidade. O processo começa quando determinadas formas linguísticas passam a ser

Revista de Estudos Acadêmicos de Letras, vol. 18 n° 01 (2025): e11803

ISSN: 2358-8403

<https://doi.org/10.30681/real.v18i01.11803>



associadas a valores sociais, num estado de correlação entre ambos. Como exemplo didático, o autor menciona o processo de “beber vinho”: “à medida que consumimos o vinho e denotamos adequadamente (ritualmente) esse consumo, nos tornamos, em tempo real performativo, a pessoa bem-educada, caracteristicamente interessante (sutil, equilibrada, intrigante, vencedora etc.)”. Por analogia, à medida que formas linguísticas são indexadas às estruturas sociais e adquirem posteriormente significados sociais, os falantes fazem (ou não) uso dessas formas para atingirem seus objetivos sociais.

Nesse sentido, os detalhes fonéticos são importantes para o significado social na variação e para a construção da identidade e estilo do falante, que vai sendo construída ideologicamente com foco na localidade, com construção distintiva (*quem fala assim é de tal lugar, que é diferente de outro lugar*). Essas associações não são fixas, mas fluídas e dinâmicas, e são modificadas também com as mudanças pelas quais passam a sociedade.

4. Considerações finais

O fenômeno da mudança linguística e da variação é inerente à natureza das línguas. Ambos representam processos orgânicos e sistemáticos que ocorrem ao longo do tempo. As diversas vertentes linguísticas apresentadas compartilham um enfoque crucial na experiência linguística, realçando o uso da língua em contextos comunitários e situações cotidianas.

Embora possa haver divergências em momentos específicos entre as diferentes correntes linguísticas, é importante ressaltar que essas diferenças muitas vezes se complementam, enriquecendo o campo da Linguística. Ao explorar essas perspectivas, somos equipados com uma variedade de abordagens teóricas que nos auxiliam a entender melhor o uso universal da língua e a complexidade inerente a esse fenômeno.

Portanto, para crescer e evoluir no campo da Linguística e na compreensão da linguagem humana, é fundamental reconhecer as nuances e as interconexões entre essas diversas perspectivas. Compreensão amplas dão subsídios teóricos diversos para a descrição e para as análises de um componente humanamente universal: o uso da língua.

Referências

BELL, Allan. Language style as audience design. **Language in society**, v. 13, n. 2, p. 145-204, 1984.

Revista de Estudos Acadêmicos de Letras, vol. 18 nº 01 (2025): e11803

ISSN: 2358-8403

<https://doi.org/10.30681/real.v18i01.11803>



- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola, 2004
- BROWN, Penelope; FRASER, Colin. Speech as a marker of situation. In: **Social markers in speech.** Cambridge University Press, 1979. p. 33-62.
- BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition.** Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CHIAVEGATTO, Valeria Coelho. Introdução à linguística cognitiva. **Matraga-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 16, n. 24, 2009.
- CHOMSKY, Noam. **Aspectos da Teoria da Sintaxe.** Tradução José Antônio Meireles e Eduardo P. Raposo. 2. ed. Coimbra, Portugal: Armênio Amado Editor, 1965.
- CUNHA, Angélica Furtado da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário. **Manual de Linguística.** São Paulo, Contexto, 2008.
- CUNHA, Maria Angélica Furtado da; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística Funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, Maria Maura e CUNHA, Maria Angélica Furtado da (orgs.). **Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta.** Rio de Janeiro, Mauad X: FAUPERJ, 2013. P. 13-40.
- DELANCEY, Scott. **On functionalism.** Lecture. LSA Summer Institute. Santa Barbara, 2001. Disponível em: < <https://pages.uoregon.edu/delancey/sb/LECT01.htm>>. Acesso em: 31 jun. 2022.
- FORD, Cecilia E.; FOX, Barbara A.; THOMPSON, Sandra A. Social interaction and grammar. In TAMASELLO, Michael. (ed). **The new psychology of language.** v. 2. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2003. p. 119-143.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. *et al.* O uso da língua para a discriminação. **A Cor das Letras**, v. 21, n. 1, p. 185-207, 2020.
- FREITAG, Raquel Meister Ko.; SANTOS, Adelmileise de Oliveira. Percepção e atitudes linguísticas em relação às africadas pós-alveolares em Sergipe. In: LOPES, Norma da Silva; ARAÚJO, Silvana Silva de Farias; FREITAG, Raquel Meister Ko. (org.). **A Fala Nordestina: entre a sociolinguística e a dialetologia.** 1. ed. São Paulo: Editora Blucher, 2016, p. 109-122.
- FREITAG, Raquel Meister Ko.; SOUZA NETO, Antônio Félix; CORRÊA, Thais Regina de Andrade. Panorama da Palatalização em Sergipe. In: LOPES, Norma da Silva; SANTOS, Elisângela Santana dos; CARVALHO, Cristina dos Santos (orgs.). **Língua e Sociedade: diferentes perceptivas, fim comum.** 1. ed. São Paulo: Editora Blucher, 2019, p. p. 63-80.



GILES, Howard; TAYLOR, Donald M.; BOURHIS, Richard. Towards a theory of interpersonal accommodation through language: some Canadian data1. **Language in society**, v. 2, n. 2, p. 177-192, 1973.

GIVÓN, Talmy. **On understanding grammar**. New York: Academic Press, 1979.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

MEYERHOFF, Miriam. **Introducing sociolinguistics**. Routledge, 2018.

PEZATTI, Erotilde Goreti. O Funcionalismo em Linguística. In: BENTES, Anna Cristina; MUSSALIM, Fernanda. (Org.). **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2004, v. 3, p. 165-218.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012 [1916].

SILVA, Lucas Santos. **Análise acústica ou de oitiva?** Contribuições para o estudo da palatalização em Sergipe. 1. ed. Aracaju, SE: Criação Editora, 2021.

SILVERSTEIN, Michael. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. **Language & communication**, v. 23, n. 3-4, p. 193-229, 2003.

SQUIRES, Lauren. Processing grammatical differences: Perceiving versus noticing. **Awareness and control in sociolinguistic research**, p. 80-103, 2016.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.